



Campanha de vida ou morte para deputado que enfrentou as milícias

Com o assassinato encomendado, Freixo, que presidiu CPI, tenta reeleição

José Meirelles Passos

• Dias atrás, quando distribuía panfletos de campanha pela reeleição a deputado estadual, diante da estação das barcas de Niterói, Marcelo Freixo (PSOL-RJ) foi abordado por um homem que disse ser seu homônimo. “Meu nome é igualzinho ao seu”, contou ele, confessando um dilema: “Não sei se fico orgulhoso ou preocupado”.

A dúvida procedia. Freixo está jurado de morte. Vive cercado 24 horas por dia por guarda-costas armados. Não pode ir a certas áreas do Rio de Janeiro e a algumas cidades do estado. Na vida pessoal, perdeu a privacidade.

— O controle é total. Não há liberdade para improviso, para a espontaneidade. Tive de abrir mão da praia, de ir ao Maracanã, a festas — diz.

Tal desconforto deve-se ao fato de Freixo ter chefiado,



Hudson Pontes

FREIXO (à direita) faz campanha em Niterói: escolta 24 horas por dia

com sucesso, a CPI das Milícias, na Alerj, em 2008.

O resultado foi uma lista com os nomes de 1.113 pessoas suspeitas de ligações com grupos paramilitares, o indiciamento de 225 — de policiais a parlamentares — e a apresentação de 58 medidas concretas

para acabar com tal máfia.

O troco veio em seguida: as milícias — que controlam a venda de gás, a segurança, o transporte público por vans, o mercado imobiliário e a *gatonet* em cerca de 300 comunidades, com faturamento estimado em R\$ 60 milhões anuais — enco-

mendaram a morte de Freixo.

— No início (há cerca de dois anos) eram ameaças esporádicas. Mas aí a situação complicou. O Serviço de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública já abortou três planos de atentado contra ele. Nosso esquema passou a ser o de “segurança repressiva”. Ou seja, com equipes bem armadas, carros blindados e colete à prova de balas em algumas situações — disse Vinícius George, delegado de polícia que hoje assessora Freixo.

A situação piorou neste período eleitoral. É uma campanha de vida ou morte. Se não for reeleito, Freixo perderá o esquema de segurança garantido pelo estado:

— Se não for reeleito, vou ter que sair do país — disse Freixo, numa mesa nos fundos de uma cafeteria em Niterói, com os seus guarda-costas monitorando o entra e sai de clientes. ■

Zona Oeste, área proibida

Para deputado, milícia tem projeto político

• Freixo, de 43 anos, encara a rotina com certo humor:

— Aí vem a banda de música — costuma dizer a assessores, ao notar a chegada dos seguranças aos comícios, carregando grandes caixas, parecidas com as de instrumentos musicais, com as armas mais pesadas.

Freixo só pode circular com razoável segurança — mas sempre à sombra de guarda-costas — em Niterói, Volta Redonda, Friburgo, Campos, Centro e Zona Sul do Rio.

— Ir à Zona Norte ou à Oeste, nem pensar — diz George.

Segundo o delegado, as milícias proíbem a distribuição de panfletos dele e a exibição de cartazes. Quem aparece com adesivos de Freixo tem de rasgá-los. Freixo considera as milícias um inimigo mais forte que o narcotráfico por dominarem a atividade econômica nas comunidades e estarem infiltradas na polícia:

— Com a fortuna que arrecadam compram armas e elegem deputados. É o crime com projeto político, verdadeira máfia.